

A EPISTEMOLOGIA INSTRUMENTALISTA DE JOHN DEWEY: OS DUALISMOS FILOSÓFICOS E OS MALES EDUCACIONAIS

LEONOR GULARTE SOLER¹; AVELINO OLIVEIRA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – leonorgulartesoler@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – avelino.oliveira@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O estudo apresentado é parte do projeto de pesquisa que busca refletir acerca dos fundamentos educacionais segundo a epistemologia de John Dewey (1859-1952). Mais precisamente compreender de que forma as experiências realizadas na Escola Laboratório, criada pelo autor, na Universidade de Chicago, contribuíram para sua reflexão sistemática sobre educação, ou seja, para a elaboração de sua teoria do conhecimento. É bastante conhecido que sua argumentação filosófica, ao refletir sobre a natureza do conhecimento, acontece a partir da crítica elaborada a sistemas filosóficos e debates com outros pensadores. A argumentação a que me proponho na referida pesquisa, parte das ideias de John Dewey, que ao elaborar sua Filosofia da Educação, deixa claro que seu pensamento educacional nasceu de sua epistemologia e a ela nutre, e assim, diante desse pressuposto, para o autor, educação e filosofia constituem um todo indivisível. Neste estudo a reflexão debruça-se sobre os argumentos apresentados por Dewey em favor de uma teoria da continuidade contrária a todos os dualismos que, segundo ele, são os responsáveis pelas limitações e pelos desequilíbrios no campo educacional.

2. METODOLOGIA

A pesquisa, de caráter bibliográfico, foi amparada pelas seguintes obras de John Dewey: Democracia e Educação (1916), Experiência e Natureza (1925), Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo, uma reexposição (1933) Reconstrução em Filosofia (1959), Democracia e Educação: capítulos essenciais (2007), edição esta, comentada pelo professor Marcus Cunha, utilizei também como sustentação, obras de comentadores brasileiros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde muito jovem Dewey idealizava um mundo que tivesse as mesmas propriedades do organismo humano. Esse esforço de considerar as coisas como um todo orgânico, que surgiu a partir de um curso com o professor Huxley, o aproxima não só de Charles Darwin mas também, da grande tradição idealista de matriz hegeliana.

Dewey, sobre a base de uma psicologia funcional, elabora uma teoria do conhecimento a qual refuta os dualismos que opõem mente e mundo, pensamento e ação, que haviam demarcado, desde o período dos gregos, a filosofia ocidental. A

origem dessas divisões, segundo ele, encontra-se nos grupos sociais e nas classes dentro desses grupos. Como exemplo: homens e mulheres, ricos e pobres. As relações sociais são afetadas pelos diferentes modos de vida cada qual com objetivos e padrões de valores próprios. A partir dessas separações, surgem outras, e todas elas deixam seu vestígio no campo educacional.

São quatro os antagonismos citados por Dewey identificados nas teorias do conhecimento precedentes: (a) conhecimento empírico e conhecimento superior racional – no campo educacional, supõe-se que o aluno necessite, de um lado, aprender uma série de conteúdos específicos, cada qual com vida própria, e de outro, identificar-se com certo número de leis e relações gerais (ex. geografia e matemática, respectivamente); (b) os dois sentidos da palavra ‘saber’ – a separação entre conteúdo das matérias escolares como verdades retiradas da experiência e da ação do educando reflete o dualismo entre indivíduo e mundo e corresponde a separação entre as classes sociais; (c) conhecimento como coisa exterior e o ato de conhecer – o treino em habilidades específicas e experimentais separa-se do alcance de ideias pelo caminho intelectual, fragmentando o aluno em duas partes: uma física e outra mental, ou seja, corresponde a divisão social de atividade/passividade; (d) inteligência e emoções - o intelecto é luz pura, as emoções um calor que perturba. Separar as emoções da inteligência é o mesmo que distanciar os interesses do aluno dos interesses da escola. O estudante é obrigado a aprender as matérias e sua mente deve ser disciplinada para receber os ensinamentos.

Para Dewey, os males educacionais nascem dessas separações pois “ (...) todas essas separações culminam no distanciamento entre saber e fazer, entre teoria e prática, entre mente como o fim e o espírito da ação e o corpo como seu órgão e seus meios” (DEWEY, 2007).

A proposta apresentada por Dewey para resolver o problema desses antagonismos é a teoria da continuidade. Para isso, ele constrói seus argumentos no progresso da fisiologia e da psicologia; no avanço da biologia e no desenvolvimento do método experimental. Para Cunha (2007), o primeiro argumento contra o dualismo provém do descobrimento de que os fenômenos mentais relacionam-se com um componente físico, o sistema nervoso, responsável pela associação entre o mundo interior e o ambiente. Além de receber impressões sensoriais, o cérebro organiza informações e capacita o organismo para ações futuras, preservando a continuidade entre indivíduo e mundo. O progresso da psicologia associada a fisiologia apresentou a relação da atividade mental com o sistema nervoso, e assim o velho dualismo da alma e do corpo foi substituído pelo do cérebro e do restante do corpo. O fato, diz Dewey, é que o sistema nervoso é somente um dispositivo especializado para manter todas as funções do corpo em ação conjunta. “(...) Em vez de estar isolado dessas funções, como o órgão do conhecimento separado dos órgãos de reação motora, é o órgão por cujo intermédio eles exercem sua interação reagindo mutuamente uns aos outros” (Dewey, 1936). O cérebro é o órgão que opera as adequações recíprocas dos impulsos recebidos do ambiente entre si e com os retornos ao mesmo ambiente. Dewey cita o exemplo do que acontece ao carpinteiro ao aplainar uma tábua – ao mesmo tempo em que o ato se ajusta ao estado de coisas presentes orientado pelos órgãos dos sentidos, essas respostas motoras estabelecem o próximo estímulo sensorial. Assim, é o cérebro que mantém a constante reorganização da atividade de forma que permaneça a continuidade. Portanto para Dewey, o ato de conhecer não é uma coisa completa

por si mesma, isolada de toda a atividade, mas sim, se fixa a atividade reorganizadora.

O segundo argumento deriva da teoria evolucionista de Charles Darwin (1809-1882). A continuidade aparece também, segundo Dewey, na doutrina da evolução, onde os organismos vivos se desenvolvem das formas mais simples e mais complexas até chegar no homem. Essa teoria de desenvolvimento orgânico representa que a criatura viva é uma parte do mundo, partilhando de suas contingências, só conseguindo se sentir segura ao se identificar intelectualmente com aquilo que a rodeia e quando consegue prever as consequências futuras do que está para acontecer delineando suas atividades a partir dessas previsões. Sendo assim, Dewey entende que, se o ser vivo que esta adquirindo experiência tem um participação estreita nas atividades do mundo que pertence, o conhecimento é um modo valiosos de participar dessas atividades, na proporção em que se mostra ativo. “Ele não pode ser a contemplação ociosa de um espectador desinteressado” (Dewey, 1936).

A última e maior razão para a transformação da teoria do conhecimento esta no desenvolvimento do método experimental. O método da descoberta e da verificação é a forma de adquirir conhecimento e ter certeza de que é conhecimento e, não apenas, simples opinião. O método experimental, segundo Dewey, apresenta duas vertentes. De um lado, significa que não podemos chamar algo de conhecimento, somente quando nossa ação produziu de fato certas modificações físicas nas coisas, que entrem em acordo com a visão que delas se tinha, e a confirmem. Fora dessas mudanças específicas nossas ideias ou crenças não são mais que hipóteses, sugestões, teorias, e só podem ser consideradas para fazer tentativa e serem usadas como indicações de experimentos a serem testados. Por outro lado, o método experimental de pensar assinala que o pensamento tem utilidade, ele é útil quando a previsão de consequências se faz alicerçado na total observação das situações presentes. Experimentação, não é o mesmo que reação cega. Tal ação excedente é uma condição inevitável de todos os nossos comportamentos, mas não representa um experimento, exceto se as consequências forem verificadas e aplicadas para fazer prognósticos e planos em situações similares no futuro. O método científico experimental é uma experimentação de ideias, por isso, mesmo quando não dá resultado imediatamente, ele é intelectual e frutífero pois, aprendemos com nossas ações erradas, quando nossos esforços são verdadeiramente refletidos.

4. CONCLUSÕES

É notável o referencial e a gratidão de Dewey a pensadores como Charles Darwin, Charles Peirce e William James na construção de sua epistemologia instrumentalista e no desenvolvimento de sua teoria da continuidade. Teoria esta, fundamentada, sobretudo, nos três argumentos que citamos acima: a ligação cérebro/corpo, a relação organismo/ambiente e o caráter experimental do pensamento.

Na tentativa de dar conta das questões apresentadas em um primeiro momento destacamos os antagonismos citados por Dewey identificados nas teorias do conhecimento precedentes. Em seguida, apresentamos a proposta de Dewey para resolver o problema desses antagonismos. Procuramos mostrar de uma forma muito sucinta a preocupação de Dewey com os dualismos que se encontravam

presentes nas estruturas escolares vigentes, para ele estava muito claro que o principal problema era a distância entre a vida do aluno e a rotina escolar. Por isso, pode-se dizer que, um dos principais objetivos de Dewey, a partir das críticas aos dualismos e a construção de sua teoria da continuidade, era defender a relação íntima entre os processos de nossa experiência real e a educação. Por essa razão, a ideia de continuidade e de ver o mundo integrado num todo, fez de Dewey um grande inovador no campo da filosofia da educação nos deixando um legado de profundas transformações no campo educacional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

AMARAL, Maria N. de C. P. **Dewey: Filosofia e experiência democrática**. São Paulo: Perspectiva: Ed. da Universidade de São Paulo, 1990.

CUNHA, Marcus.V. **John Dewey: uma filosofia para educadores em sala de aula**. 6ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DEWEY J. **Democracia e educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

_____. **Democracia e educação: capítulos essenciais**. São Paulo: Ática, 2007.

_____. **Experiência e natureza**. In. Coleção Os pensadores: São Paulo: Abril Cultura, 1980.

_____. **Como Pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo, uma reexposição**. São Paulo Ed. Nacional , 1979.

_____. **Reconstrução em filosofia**. São Paulo: Ícone Editora, 2011.

OZMON, Howard A. CRAVER Samuel M. **Fundamentos filosóficos da educação**. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SHOOK, John R. **Os pioneiros do pragmatismo americano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Capítulo de livro

GIACOMELLI, Denaura S. O conceito de experiência e a superação do dualismo na visão de John Dewey. In:FÁVERO, Altair A; TONIETO, Carina (org.). **Leituras sobre John Dewey e a educação**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.